

## A teoria das personagens em *Cem anos de solidão* de Gabriel Garcia Marquez

### *The theory of the characters in "Cem anos de solidão" by Gabriel Garcia Marquez*

#### **Matheus Luamm Santos Formiga Bispo**

Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins. Graduado em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França.

E-mail: [matheus.luamm@hotmail.com](mailto:matheus.luamm@hotmail.com)

#### **Milena Menezes Santos**

Graduada em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França.

E-mail: [mia\\_llena@hotmail.com](mailto:mia_llena@hotmail.com)

---

**Resumo:** A partir de estudos sobre personagem, foi verificada a existência de três tipos de papéis em uma narrativa: protagonista, antagonista e adjuvante. O objetivo deste artigo é investigar a existência das figuras que desempenham tais papéis na obra *Cem anos de solidão*, do autor Gabriel Garcia Marquez, e caracterizá-las. Foi introduzida na pesquisa uma breve biografia da vida e obra do autor, como também o significado e origem do "Realismo Mágico", corrente literária Latino-Americana.

**Palavras-chave:** Cem anos de solidão. Enredo. Gabriel Garcia Marquez. Personagens.

**Abstract:** From character studies, the existence of three types of roles in a narrative: protagonist, antagonist and adjuvant were verified. The aim of this article is to investigate the existence of the figures who play such roles in the work *Cem anos de Solidão* (One hundred years of solitude) by the author Gabriel Garcia Marquez, and to characterize them. A brief biography of the author's life and work was introduced, as well as the meaning and origin of "Magical Realism", a Latin American literary movement.

**Keywords:** One hundred years of solitude. Plot. Gabriel Garcia Marquez. Characters.

---

### *1 Considerações iniciais*

Filho de Luiza Santiago Márquez e Gabriel Eligio García, farmacêutico, Gabriel Garcia Márquez nasceu em março de 1927, no município de Aracataca - Colômbia. Gabo, apelido dado pelos mais íntimos, foi criado pelos avós maternos, pois seus pais precisaram mudar-se para a cidade de Barranquilla, depois do fracasso da companhia bananeira. A convivência com eles contribuiu para a carreira de escritor de Gabriel. Era ouvindo as histórias que seu avô contava que o autor de *Cem anos de Solidão* adquiriu paixão pelos contos e por sua produção.

Aos vinte anos, Garcia estudou Ciências Políticas e Direito na cidade de Bogotá, por insistência dos seus pais, mas não concluiu o curso. Iniciou sua carreira como

jornalista em 1948, na cidade de Cartagena, no El Univesal. Em 1958, ano em que trabalhou como correspondente internacional na Europa do jornal *Espectador*, apaixonou-se por Mercedes Barcha, ao retornar para Barranquilla, casaram-se e tiveram dois filhos, fruto do relacionamento.

Em 1961, foi para Nova York trabalhar como correspondente internacional, porém sua ligação com Fidel Castro e o regime político de Cuba fizeram com que sofresse represálias pela CIA (Central Intelligence Agency), tendo como consequência sua volta ao México, onde permaneceu até o dia de sua morte, em abril de 2014, por decorrência de um câncer linfático.

Autor de várias obras, entre elas, as mais destacadas pela crítica literária: *La Hojarasca* (1955), *Ninguém escreve ao coronel* (1961), *Amor em tempo de cólera* (1981), *A má hora: o veneno da madrugada* (1962). Gabriel Garcia Márquez adquiriu grande visibilidade como escritor, inclusive internacionalmente, com a obra *Cem anos de solidão*, publicada em 1967, pela qual recebeu o prêmio Nobel de Literatura, em 1982. A narrativa tem como base o “Realismo mágico”, que envolve e fascina os leitores.

## 2 *Realismo mágico*

O “Realismo mágico”, conhecido, também como “Realismo fantástico” ou “Realismo maravilhoso”, surgiu, historicamente, como uma forma de reação aos processos ditatoriais que a América Latina sofreu. Possui origem e características próprias da literatura latino-americana do começo do século XX, com influências dos movimentos de vanguardas surgidos na Europa (MIRANDA, 2011, p. 6).

De acordo com Petrin (2015), no “Realismo fantástico” também estão presentes os elementos mágicos, transmitidos “como algo sem explicação” (de forma intuitiva), neles o tempo não é linear, é cíclico e distorcido.

Essas características podem ser observadas na obra *Cem anos de Solidão*, na qual seus acontecimentos irrealis são considerados normais pelos personagens, como, por exemplo, o desaparecimento de “Remédios, a bela” que flutua e some entre as nuvens e os lençóis de Fernanda; fato que não surpreendeu nenhuma das personagens presentes, deixando apenas a mãe de Renata irritada pela perda material.

Observando tais comportamentos, características e a forma como a narrativa é construída, foi despertado o interesse em analisar o enredo e o papel de algumas das personagens do romance *Cem anos de solidão*.

## 3 *As personagens em “Cem anos de solidão”*

A narrativa de Gabriel Garcia Márquez acontece na cidade de Macondo e conta a história da família Buendía, dividida em sete gerações, a qual tem início com o casamento dos primos José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán. Essa relação é cercada de superstições, devido à existência de parentesco entre o casal, acredita-se que seus filhos nascerão com um rabo de porco, o que não aconteceu até o nascimento do último descendente da estirpe.

Na tentativa de se livrar da perseguição do espírito do seu inimigo, Prudêncio Aguilar, assassinado por José Arcadio após uma discussão que colocava em dúvida a

virilidade deste último, pois sua esposa continuava virgem após um ano de casamento, por causa da superstição do rabo de porco. O patriarca da família Buendía saiu da cidade onde vivia, acompanhado de alguns amigos e da sua esposa Úrsula, em busca de um novo local onde pudessem residir. Depois de muitas tentativas e peregrinações, José Arcadio tem um sonho e decide permanecer no espaço onde descansavam e fundar o povoado de Macondo.

Comandada por José Arcadio, a cidade foi erguida de forma que todos tivessem os mesmos privilégios e que permanecesse organizada e tranquila. Nesse ambiente, Úrsula e seu marido construíram a família, constituída por três filhos. O primeiro, chamado José Arcádio, nasceu durante a peregrinação dos pais em busca do novo lar, o segundo recebeu o nome de Aureliano, seu nascimento foi marcado por acontecimentos surpreendentes, pois nasceu com os olhos abertos e observava as pessoas e os objetos em volta com uma curiosidade assombrosa. Quando criança, sua mãe acreditava que ele tinha o poder de prever os acontecimentos – como a panela de caldo que se espatifou no chão – o que a deixava assustada. A terceira e última foi batizada com o nome de Amaranta. Tais apelidos surgem com frequência no decorrer da narrativa, pois são utilizados para batizar os próximos descendentes da família Buendía.

Considerada, pela crítica, uma das obras de maior destaque do autor, o romance *Cem anos de solidão* é reconhecido, principalmente, por sua estrutura ímpar, começando pelo tempo, o qual é constantemente repetitivo.

Quando Aureliano disse, Pilar Ternera emitiu um riso profundo, o velho riso expansivo que terminava por parecer um arrulho de pombo. Não havia nenhum mistério no coração de um Buendía que fosse impenetrável para ela, porque um século de cartas e de experiência lhe ensinara que a história da família era uma engrenagem de repetições irreparáveis, uma roda giratória que continuaria dando voltas até a eternidade, se não fosse pelo desgaste progressivo e irremediável do eixo. (MÁRQUEZ, 1967, p. 374-375).

Além de possuir algumas características semelhantes à vida do autor na construção, como: a existência da companhia bananeira, o segundo nome – Iguarán - dado a personagem de Úrsula, que é o mesmo da sua avó materna, e o acontecimento da guerra, o romance também possui um número diferenciado de protagonistas, comparado a outras narrativas. A sua distribuição ocorre por gerações, pois cada uma possui uma figura em que todos os acontecimentos giram ao redor. Alguns estudiosos acreditam que a verdadeira personagem de destaque seja a cidade de Macondo.

Segundo Pinna (2006), as personagens são as partes fundamentais da narrativa, elas que provocam as ações nas histórias e ambas não podem existir sozinhas, são complementares. As figuras dependem do conto para existir e este depende das personagens para que as ações sejam concretizadas. Os autores constroem esses seres por meio dos jogos de palavras, da manipulação de características, da forte descrição, que, por vezes, chega a antecipar a narrativa em que essas figuras farão parte. Portanto, as personagens são constituídas por meio da linguagem.

A partir da forma que são criadas e do papel que elas executam dentro da narrativa, pode ser atribuído o poder de persuasão sobre seus leitores e, em alguns casos, esses últimos, encontrando pontos de semelhanças, constroem laços afetivos com esses seres fictícios. Segundo Brait (2000, p. 9), “não há distanciamento entre texto – leitor...” e a emoção sentida na leitura de um romance é algo concreto que pode ser lembrado a partir de uma releitura.

No entanto, esses seres de papel não devem ser confundidos com pessoas reais, possíveis de existir fora da narrativa, pois seus destinos já estão traçados de acordo com a imaginação do autor, mesmo que sejam baseados em pessoas reais (GANCHO, *apud* PINNA, 2006, p. 179).

A personagem é o ser criado pelo autor, somado aos ambientes que circundam, às roupas que veste, ao penteado para ele projetado, às luzes que o iluminam, as cores que se optou em sua caracterização, enfim, todos os signos a serem decifrados pelo apreciador da obra narrativa. (PINNA, 2006, p. 178)

A essas figuras, também, podem ser atribuídos comportamento, atitudes, pensamentos, ideias que, dependendo da vontade do seu criador, podem ser usadas como porta-voz de um indivíduo ou de um grupo.

O comportamento da personagem procura manter, a partir de sua concepção, a coerência com as premissas que lhe foram conferidas. Uma personagem pode estar representando uma ideia apenas ou várias. Pode ser um ente único - individual - ou o retrato de um grupo de indivíduos com características semelhantes. (PINNA, 2006, p. 176).

Segundo Brait (2000, p. 47), os autores R. Bourneuf e R. Ouellet produzem a obra “L’univers Du roman no intuito de analisar a relação da personagem com os outros componentes que constroem a narrativa – lugares, objetos e relações existentes entre cada personagem de um romance”. É a partir desse estudo que os autores apontam quatro papéis possivelmente desempenhados pelas personagens, são eles: “elemento decorativo, agente da ação, porta voz do autor, ser fictício com forma própria de existir, sentir e perceber os outros no mundo”. A personagem decorativa não necessariamente é dispensável à narrativa, “ela pode apresentar um traço de cor local ou um número indispensável à apresentação de uma cena em grupo”.

O segundo papel citado – agente da ação – é observado pelos autores como forças opostas que se apresentam em uma obra, e estas são subdivididas em seis categorias, a partir dos estudos de E. Souriau e W. Propp: condutor da ação, esse papel é responsável pelo ato que provoca o desenrolar da narrativa, “pode nascer de um desejo, uma carência ou de uma necessidade”. A ação oponente é responsável pela força contrária ao do condutor da ação, seu papel é atrapalhar o desenvolvimento do condutor, o terceiro papel é o objeto desejado. A trama se desenvolve impulsionada por esse elemento de cobiça. O papel do destinatário se caracteriza por ser quem recebe o objeto desejado, não é obrigatório que seja o condutor da ação. A função de adjuvante é auxiliar, ele motiva as outras forças. A sexta e última categoria é a de

árbitro ou juiz, é o que desempenha a função de apaziguar e resolver os conflitos dentro da narrativa (BRAIT, 2000, p. 49-50).

O porta-voz da ação seria o papel desempenhado com o objetivo de transmitir as inúmeras experiências vividas pelo autor da obra. Porém, Brait (2000, p. 50-51), baseada nos estudos dos autores R. Bourneuf e R. Ouellet, chama atenção para a autonomia do texto:

entretanto nenhum romance, nenhuma obra de ficção se confunde com uma biografia ou autobiografia. Ela é, quando muito, uma biografia ou uma autobiografia do possível, ganhando por isso total autonomia com relação a seu autor. Por essa razão, ao classificar a personagem como porta-voz do autor, é necessário, segundo observam de forma pertinente os autores de *L'univers Du roman*, ultrapassar a reconstituição anedótica da biografia, a descoberta das fontes literárias ou históricas e a análise superficial das ideias para atingir os níveis de apreensão invisíveis a essa primeira abordagem.

O último papel apresentado por R. Bourneuf e R. Ouellet é o “ser fictício como forma de existir”. Para que o personagem desempenhe-o, os autores “situam o personagem dentro da especificidade do texto, considerando a sua complexidade e o alcance dos métodos utilizados para apreendê-la” (BRAIT, 2000, p. 50).

De acordo com outros estudos teóricos, as personagens recebem nomenclaturas diferentes, porém desempenham funções semelhantes, de acordo com a função que exercem dentro da narrativa. Tais atos devem ser desenvolvidos de forma harmônica, garantindo, assim, um início e um fim à trama. Na construção da narrativa, cada figura desempenha um papel com objetivos a serem alcançados e obstáculos a serem vencidos e são de acordo com esses movimentos, praticados pelos personagens, que a caracterização do papel é realizada. Sendo assim, elas podem exercer a função de protagonista - figura que recebe toda a atenção, os fatos acontecem em função dessa personagem em papel de destaque, ela é responsável pela ação primária na narrativa (PINNA, 2006, p. 182).

Ainda de acordo com o autor supracitado, “é a personagem que recebe a tinta emocional mais viva e mais marcada numa narrativa. Por ser quem centraliza a ação, torna-se uma das personagens mais elaboradas da estória, sendo frequentemente caracterizado com grande riqueza de detalhes” (p. 182). Essa função ainda agrega a característica de herói, personagem que possui comportamento superior e qualidades que são valorizadas no contexto social, em que a narrativa está inserida, ou anti-herói que tem suas características semelhantes ou mais inferiores a de outros personagens, pode ser também uma caricatura utilizada pelo autor para fazer uma crítica social ou comédia (PINNA, 2006, p. 184-185).

Dentro do romance *Cem anos de solidão*, podemos destacar a figura de José Arcádio. O pai da família Buendía é apresentado como detentor das ações que desenvolve a história da primeira geração. Com sua iniciativa de deixar a cidade em que vivia com sua esposa para ir em busca de um novo local para morar, termina por fundar a cidade de Macondo, na qual passa a ser um líder para os outros indivíduos que o acompanharam. “No princípio, José Arcadio Buendía era uma espécie de

patriarca juvenil, que dava instruções para o plantio e conselhos para a criação de filhos e animais, e colaborava com todos, mesmo no trabalho físico para o bom andamento da comunidade...” (MÁRQUEZ, 1967, p. 14).

Todavia, com a chegada do cigano Melquiades e sua trupe, José Arcadio adquire certo fascínio pelas novidades do cigano e pela possibilidade de ligar Macondo ao resto do mundo. Tal deslumbre torna o líder consciente em um homem obcecado que abandonou suas responsabilidades como fundador da comunidade e como patriarca da família Buendía.

Aquele espírito de iniciativa social desapareceu em pouco tempo, arrastado pela febre dos ímas, pelos cálculos astronômicos, sonhos de transmutação e ânsias de conhecer as maravilhas do mundo. De empreendedor e limpo, José Arcadio Buendía se converteu num homem de ar vadio, descuidado no vestir, com uma barba selvagem a que Ursula conseguia dar formas a duras penas, com uma faca de cozinha. Não faltou quem considerasse vítima de algum estranho sortilégio...” (MÁRQUEZ, 1967, p. 15).

Por fim, Arcadio morreu sentado próximo ao castanheiro onde ficou amarrado e abandonado por causa da loucura.

Ainda, de acordo com as classificações das personagens, elas também podem exercer o papel de antagonistas, isso quando apresentam comportamento contrário ao do protagonista, mas não necessariamente seria o vilão da narrativa ou aquele que impede constantemente o desenvolvimento da figura de destaque. Essa ação antagônica pode estar empregada, também, em elementos da natureza ou espaços desfavoráveis para o protagonista, ou seja, não é obrigatório ser representado por um personagem, mas sim atrapalhar a vontade deste (PINNA, 2006, p. 186-187).

Assim, é apresentada a personagem Úrsula Iguarán, que retrata uma mãe de família. Casada com José Arcadio, Iguarán é mãe de três filhos e faz tudo para manter a família estruturada tanto no campo financeiro como no campo afetivo. Com a chegada dos ciganos e suas invenções, o marido de Úrsula se torna um homem sonhado e desinteressado pela família, o que a leva a tomar as rédeas da casa e ser a provedora da família.

A matriarca inicia uma produção de animais de caramelos, os quais vendem para tirar o sustento da família. Com o decorrer da narrativa, a produção de doces cresce e passa a existir, também, a produção de pães. Não sendo apenas isso, a mãe de Amaranta se mostra uma grande mulher de negócios e transforma sua casa em uma grande pensão, onde serve refeições para os viajantes e os funcionários da companhia bananeira. Tudo isso ocorre enquanto José Arcadio está distraído com as novas invenções de Melquiades e com os devaneios de desenvolvimento da cidade de Macondo.

A figura de Úrsula exerce a função de antagonista ou oponente, “personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características, diametralmente opostas às do protagonista” (GANCHO, *apud* PINNA, 2006, p. 186). Em determinados momentos, sua figura impede o protagonista da primeira geração de se deslocar. Manipula as outras mulheres do povoado, para

impedir que sua família deixe Macondo, e impõe sua decisão ao marido que, por sua vez, não vê outra possibilidade a não ser ceder. Úrsula se comporta de forma contrária aos delírios de avanços do companheiro que abandona a família enquanto sua esposa torna-se, a cada dia, mais dedicada. Essa personagem, como a figura de Arcadio, também é denominada “redonda”, “são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais” (BRAIT, 2000, p. 41).

Outro papel exercido pelas personagens recebe o nome de adjuvante, coadjuvante ou papel secundário. Esses seres representam ações de menos importância na narrativa, mas não necessariamente dispensáveis. Eles ajudam a compor o papel do protagonista ou antagonista, normalmente aparecem nas tramas desempenhando o papel de auxiliares, confidentes, empregado fiel e solidário. Suas aparições são raras e, em alguns momentos, passam despercebidos pelo leitor (PINNA, 2006, p. 188).

A figura de Visitación apresenta essas características, pois suas aparições são limitadas e sem autonomia. Sempre estão atreladas à figura de Úrsula, por ser assistente dessa última, tanto nas atividades da padaria e da pensão quanto nos cuidados com as crianças da família Buendía. Dessa forma, ajuda a compor as ações da matriarca.

O autor, por sua vez, utiliza poucas linhas para descrevê-la, as informações fornecidas sobre a personagem são escassas, não levam o leitor a criar uma imagem detalhada como as demais, não possui profundidade psicológica, podendo reconhecê-la, também, como personagem plana, caracterizada pelo autor E.M. Foster como “sem profundidade psicológica, tipificada” (BRAIT, 2000, p. 40).

Considerado por Pinna (2006) uma das partes mais importante na composição de uma história, o ser fictício é um dos elementos que compõe uma obra. Encontramos na estruturação de uma narrativa o tempo, o espaço e o enredo. Segundo Candido, Rosenfeld e Prado (1968), é impossível imaginar este último elemento citado sem uni-lo ao elemento personagem.

#### ***4 Os personagens no jogo do enredo em “Cem anos de solidão”***

Segundo Mesquita (1994, p. 7), o enredo é “a apresentação/representação de situações, de personagens nelas envolvidos e as sucessivas transformações que vão ocorrendo entre elas, criando-se novas situações, até chegar à final – o desfecho do enredo”. Em *Cem anos de solidão*, a trama das gerações da família Buendía é o palco das narrativas e do desenvolver da mesma.

“Constituir um enredo é começar um jogo. O narrador é um jogador, e forma, com o leitor e o próprio texto, o que se pode chamar uma comunidade lúdica” (MESQUITA, 1994, p. 8). Assim, Márquez constrói uma narrativa que consegue brincar com o leitor, a partir de traços estilísticos e característicos, tornando uma leitura prazerosa e brincante.

Etimologicamente, a palavra “mito” vem do grego *mythos* que significa “intriga ou desenvolvimento factual de uma história”. Assim, mantém uma relação muito forte com a narrativa, tornando-a uma narrativa mítica. Nessa relação dialógica, cada

acontecimento possui uma significação e se articula logicamente com os demais. Aqui o leitor acompanhará as vicissitudes da numerosa descendência da família Buendía ao longo de várias gerações. Todos em luta contra uma realidade truculenta, excessiva, sempre à beira da destruição total.

Em *Cem anos de solidão*, o enredo é estruturado pelo princípio lógico da casualidade e pela lógica temporal, dentro das leis da verossimilhança.

A arte em geral, e portando a literatura, cria realidades possíveis, gera significações possíveis e torna, muitas vezes, profética. O realismo mágico, o universo fantástico, as utopias e as antiutopias, a *Science fiction* são exemplos mais flagrantes das possibilidades extremas da relação ficção/realidade. (MESQUITA, 1994, p. 15).

Um comboio carregado de cadáveres. Uma população inteira que perde a memória. Mulheres que se trancam por décadas numa casa escura. Homens que arrastam atrás de si um cortejo de borboletas amarelas. Tudo isso é a síntese do universo mítico narrado na obra analisada.

### 5 Considerações finais

Segundo Brait (2000), construir uma personagem seria como realizar uma mágica. Porém, no lugar das porções de magia, os autores utilizam da linguagem e dos artifícios que possuem para construir suas figuras e manipular os acontecimentos dentro da obra, para criar ou simular uma realidade.

De acordo com Maga, responsável pelo prefácio, a sensação de realidade existente na obra se dá pelo fato de o autor ter usado alguns personagens para expressar experiências vividas na infância, como quando o avô de Gabriel Garcia apresentou-lhe o gelo, assim como José Arcádio faz com o filho Aureliano.

Nesse jogo, no qual se misturam acontecimentos comuns, reais e mágicos, é que o autor Gabriel Garcia Marquez constrói a obra *Cem anos de Solidão*, manipulando suas figuras de ação, caracterizando-as e dando-lhes sentimento, pensamentos e ações, tornando cada personagem única para o leitor.

### Referências

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 2000.

CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968. Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?q=A+Personagem+de+Fic%C3%A7%C3%A3o.&rlz=1C1CHBD\\_ptPTBR775BR775&oq=A+Personagem+de+Fic%C3%A7%C3%A3o.&aqs=chrome..69i57j0l5.436j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com.br/search?q=A+Personagem+de+Fic%C3%A7%C3%A3o.&rlz=1C1CHBD_ptPTBR775BR775&oq=A+Personagem+de+Fic%C3%A7%C3%A3o.&aqs=chrome..69i57j0l5.436j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>. Acesso em: 22 fev. 2018.

FRAZÃO, Dilva. *Biografia de Gabriel Garcia Marquéz*. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/gabriel\\_marquez/](https://www.ebiografia.com/gabriel_marquez/)>. Acesso em: 17 mar. 2018.



MÁRQUEZ, Gabriel Garcia Márquez. *Cem anos de Solidão*. Rio de Janeiro: Record, 1967.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo: Ática, 1994.

MIRANDA, Fernando Albuquerque. Aspectos do mágico e do maravilhoso no conto “A espingarda do rei da Síria”, de José J. Veiga. *Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura V: Literatura e Política*, realizado entre 24 e 26 de maio de 2011 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2011/08/Aspectos-do-m%C3%A1gico-e-do-maravilhoso-no-conto-A-espingarda-do-rei-da-S%C3%ADria.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

PETRIN, Natália. *Realismo Mágico*. 2015. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/realismo-magico/>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

PINNA, Daniel de Souza. *Animadas Personagens brasileiras: a linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro*. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes e Design do Centro de Teologia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=9582@1](https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=9582@1)>. Acesso em: 24 mar. 2018.